

LEWIS CARROLL



ALICE
NO
PAÍS DAS
MARAVILHAS

Veríssimo



ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS



LEWIS CARROLL

Alice no país das maravilhas

Tradução:

Thereza Christina Rocque da Motta

Veríssimo



*Todos, na tarde dourada,
Deslizamos de puro prazer;
Ambos os remos, pouco treinados,
Movidos por braços pequenos,
Enquanto as mãozinhas, em vão,
Tentam guiar-nos pelo rio.*

*Ah, Trinca cruel! A esta hora,
Sob um céu de sonhos,
Pedem histórias a alguém cansado
Demais para soprar uma pluma!
Mas o que pode uma só voz dizer
Contra três línguas juntas?*

*A imperiosa Prima se adianta
Mandando logo “começá-la”:
Mais gentil, Secunda espera
“Que haja bobagens nela!”,
Enquanto Tercia interrompe
Não mais que uma vez por minuto.*

*Está bem, para ganhar os seus silêncios,
Ágeis, elas buscam
A criança de sonhos através de um país
De maravilhas novas e loucas,
Que conversa, alegre, com pássaros e bichos –
E quase acreditam ser de verdade.*

*Sempre, quando a história secava
Os poços da fantasia,
E quase arrastava o narrador cansado*





*Para deixar o assunto de lado,
O resto na próxima vez – “Já é a próxima vez!”
Gritam, alegres, em uníssono.*

*Assim nasceu a história do País das Maravilhas:
Lentamente, um a um,
Seus eventos pitorescos foram maquinados –
Agora a história foi contada,
E retornamos para casa, uma trupe animada,
Navegando ao pôr do sol.*

*Alice! Aceite esta história de criança,
Que, com mãos gentis, coloque,
Onde tecem os sonhos da infância,
Na memória mística que trazemos,
Uma grinalda de flores que um peregrino
Colheu numa terra bem distante.*

LEWIS CARROLL







Na toca do coelho



Alice começou a se cansar de ficar sentada ao lado da irmã à beira do rio sem ter nada para fazer: olhou algumas vezes o livro que ela estava lendo, mas não tinha imagens nem diálogos. “E para que serve um livro sem imagens nem diálogos?”, pensou Alice.

Ficou matutando (do melhor modo possível, pois o calor a deixava com sono e o raciocínio lento), se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de ter de se levantar para colhê-las, quando, de repente, um coelho branco de olhos cor-de-rosa passou correndo por ela.

Isso não lhe pareceu nada *muito* excepcional, nem Alice pensou que fosse *demais* ouvir o Coelho dizer para si mesmo: “Oh, não! Oh, não! Como estou atrasado!” (quando refletiu sobre isso mais tarde, ocorreu-lhe que deveria ter achado isso estranho, mas, naquele momento, tudo lhe pareceu muito natural), porém, quando o Coelho *tirou o relógio de bolso do colete*, olhou a hora e saiu correndo, Alice se pôs de pé imediatamente ao perceber que jamais vira um coelho de colete, nem com um relógio no bolso do colete e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, a tempo de vê-lo entrar numa toca debaixo de uma cerca viva.

Alice o seguiu sem sequer pensar como sairia de lá.

O chão da toca continuava plano como um túnel logo na entrada e logo depois descia tão abruptamente que Alice não pôde parar antes de cair num poço muito fundo.

Ou o poço era muito fundo, ou ela estava caindo muito devagar, porque teve tempo, enquanto caía, de olhar em volta e imaginar o que aconteceria em seguida. Primeiro, tentou olhar para baixo e adivinhar onde iria aterrissar, mas estava escuro demais para enxergar qualquer coisa; olhou para as paredes e viu que estavam cheias de armários de cozinha e estantes; aqui e ali, viu mapas e quadros pendurados. Pegou um pote assim que passou por uma prateleira: no rótulo estava escrito “GELEIA DE LARANJA”, mas, para a sua grande decepção, ele estava vazio; não quis largar o pote com medo de bater em alguém lá embaixo, então colocou-o de volta em outra prateleira.

“Bem!”, pensou Alice, “depois de uma queda dessas, cair da escada não será nada demais! Todos em casa pensarão que sou muito corajosa! Ora, não me importaria nem se caísse do telhado!” (o que de fato poderia acontecer).

Caindo, caindo, caindo. Mas essa queda não termina *nunca*?

— Quantos quilômetros eu já caí até agora? — perguntou Alice em voz alta. — Devo estar chegando perto do centro da Terra! Deixe-me ver: isso seriam seis mil quilômetros de profundidade, eu acho... (porque, como sabemos, Alice aprendeu muitas dessas coisas em sala de aula e, embora não fosse a *melhor* hora para demonstrar seus conhecimentos, pois não havia ninguém ali para ouvi-la, ainda assim seria um bom exercício repeti-los) — sim, esta é a distância certa, mas fico pensando em que Latitude e Longitude estou? (Alice não sabia o que eram Latitude e Longitude, mas achou que fossem boas palavras de se dizer).

Então, recomeçou:

— Fico imaginando se eu *atravessarei* a Terra! Será engraçado sair entre aquelas pessoas que andam de cabeça para baixo! Eu acho que são os *Antipáticos*... (estava feliz por não ter ninguém para ouvi-la desta vez, pois achou que esta não deveria ser a palavra certa) — mas terei de perguntar o nome do país, não é? “Por favor, Senhora, esta é a Nova Zelândia ou a Austrália?” (E tentou fazer uma mesura enquanto falava: imagine *fazer uma reverência* durante uma queda! Acha que é fácil?) E que menininha ignorante ela pensará que sou por fazer esta pergunta! Não, de nada adiantará perguntar: talvez consiga ler isso escrito em algum lugar.

Caindo, caindo, caindo. Como não havia mais nada a fazer, Alice tornou a tagarelar:

— Diná sentirá muito a minha falta hoje à noite, imagino! (Diná era sua gata.*) Espero que se lembrem do seu pires de leite na hora do chá. Diná querida! Queria que estivesse aqui embaixo comigo! Não há ratos voadores, mas talvez consiga caçar um morcego, que se parece muito com um rato, como sabe. Mas será que gatos comem morcegos?

Alice começou a sentir sono e continuou falando consigo mesma, como se estivesse sonhando:

— Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos?

E, às vezes:

— Morcegos comem gatos?

Porque, como não conseguia responder nenhuma dessas perguntas, a ordem das palavras não importava mais. Ficou com muito sono e começou a sonhar que estava andando de mãos dadas com Diná, dizendo-lhe, muito séria:

— Agora, Diná, diga-me a verdade: já comeu um morcego?

Quando, de repente: “Tum-tum!”, caiu numa pilha de gravetos e folhas secas no fundo do poço.

Alice não se machucara nem um pouco, e pôs-se de pé imediatamente: olhou para cima, mas estava tudo escuro. Diante dela, havia outra longa passagem, e logo avistou o Coelho Branco correndo à frente. Não havia mais nem um segundo a perder: Alice seguiu-o bem a tempo de ouvi-lo dizer ao virar:

— Pelas minhas orelhas e meus bigodes, como estou atrasado!

Alice estava correndo logo depois dele, mas o Coelho desapareceu: ela se viu num corredor rebaixado e longo, iluminado por uma fileira de lâmpadas no teto.

Havia portas em todo o corredor, mas estavam todas trancadas e, depois de percorrer de um lado e voltar pelo outro tentando abrir cada porta, veio andando muito triste até o meio, pensando no que deveria fazer para sair dali.

De repente, viu uma mesinha toda de vidro apoiada num tripé; em cima, havia apenas uma pequena chave dourada, e Alice imaginou que

* As irmãs Liddell, Lorina (13), Alice (10) e Edith (8) tinham uma gata que se chamava Diná.

poderia servir para abrir uma das portas do corredor, mas, que pena! Ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era muito pequena, e ela não conseguiu abrir nenhuma delas. No entanto, ao olhar de novo, encontrou uma cortina baixa que não vira antes e, atrás dela, havia uma portinha com trinta centímetros de altura: testou a chavinha dourada na fechadura e, para a sua grande alegria, ela serviu!

Alice abriu a porta, e viu uma estreita passagem, não muito maior do que um buraco de rato: abaixou-se e, após a passagem, vislumbrou o mais lindo jardim que já vira em toda a sua vida! Como queria sair daquele corredor escuro e andar entre os canteiros de flores viçosas e fontes límpidas, mas nem a sua cabeça passava pela porta; “e mesmo que *passasse*”, pensou a pobre Alice, “de nada adiantaria sem meus ombros. Ah, como queria poder encolher como um telescópio! Acho até que eu conseguiria, se soubesse como”. Depois de tantas coisas estranhas que haviam acontecido até ali, Alice começou a acreditar que poucas de fato seriam realmente impossíveis.

Como não adiantava ficar esperando do lado da portinha, voltou até a mesa, pensando em encontrar outra chave, ou até mesmo um manual que a ensinasse a encolher como um telescópio: desta vez, viu uma garrafinha (“que, definitivamente, não estava ali antes”, pensou Alice) e, no gargalo, tinha uma etiqueta pendurada, onde se lia “BEBA-ME” lindamente impresso em letras bem grandes.

Tudo bem que dissesse “Beba-me”, mas Alice, que era muito esperta, não iria *beber* sem checar antes.

— Não, eu vou verificar primeiro — ela disse — e ver se está escrito “veneno” ou não.

Alice havia lido muitas histórias sobre crianças que tinham se queimado, ou que foram devoradas por animais selvagens, entre outras coisas desagradáveis, só porque não se lembraram de regras simples que tinham aprendido como um ferro em brasa que queima se o segurarmos por muito tempo; se cortarmos o dedo *muito* fundo com uma faca, ele irá sangrar; e nunca esqueceu que, se bebesse o líquido de uma garrafa onde estivesse escrito ‘veneno’, muito provavelmente lhe faria mal, mais cedo ou mais tarde.

No entanto, a garrafa *não* tinha um rótulo escrito ‘veneno’, por isso, Alice arriscou experimentar e, ao sentir um sabor muito bom (de fato era uma mistura de torta de cereja, pudim, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada quente com manteiga), logo acabou bebendo todo o conteúdo.



— Que sensação esquisita! — disse Alice. — Devo estar encolhendo como um telescópio!

E, de fato, isso aconteceu: estava agora com apenas vinte e cinco centímetros de altura, e seu rosto se iluminou ao perceber que esse era o tamanho certo para passar pela portinha e entrar naquele maravilhoso jardim. Primeiro, porém, esperou alguns segundos para ver se iria encolher mais ainda; ficou um pouco nervosa por causa disso, “porque, como sabe”, disse Alice a si mesma, “isso pode me extinguir como uma vela. Como eu ficaria, então?” E tentou imaginar a chama de uma vela apagada, sem saber se já havia visto isso.

Depois de algum tempo, ao ver que não acontecia mais nada, decidiu ir até o jardim, mas, pobre Alice! Ao chegar à porta, percebeu que esquecera a chavinha dourada e, ao voltar à mesa para pegá-la, não podia mais alcançá-la: conseguia vê-la claramente através do tampo de vidro, e tentou escalar uma das pernas da mesinha, mas estava muito escorregadio e, ao se cansar, a pobrezinha se sentou no chão e chorou.

— Vamos, não adianta chorar assim! — disse Alice para si mesma, de um modo um tanto ríspido. — Faça o favor de parar imediatamente!

Normalmente, sempre se dava bons conselhos (embora raramente os seguisse) e, às vezes, repreendia-se de uma forma tão dura que acabava chorando. Lembrou-se que, certa vez, tentou estapear a própria orelha por ter trapaceado jogando *croquet* sozinha, pois esta curiosa criança gostava de fingir ser duas pessoas. “Mas, agora não adianta”, pensou a pobre Alice, “fingir que sou duas! Ora, mal há o bastante de mim para ser *uma* pessoa inteira!”.

Em seguida, encontrou uma caixinha de vidro sob a mesa: abriu-a e achou um bolinho com a frase “COMA-ME” lindamente escrita com groselhas.

— Bem, vou comê-lo — disse Alice — e, se me fizer crescer, poderei alcançar a chave; e, se me fizer encolher, passarei por baixo da porta; assim, de um jeito ou de outro, entrarei no jardim, não importa o que aconteça!

Comeu um pedacinho e disse ansiosa para si mesma: “E agora? E agora?”, pondo a mão no alto da cabeça para ver se estava crescendo ou diminuindo, e ficou muito surpresa ao ver que continuava do mesmo tamanho.

É isso o que normalmente acontece quando se come um pedaço de bolo, mas Alice já estava tão habituada a ver coisas incomuns acontecerem, que tudo parecia muito chato e estúpido ao ser comum.

Então, continuou a comer e logo terminou o bolo.



Um mar de lágrimas



— **Q**ue curiosidade mais curiosa! — gritou Alice (ela estava tão surpresa que, naquele momento, esqueceu-se por completo de como falar corretamente). — Agora estou espichando como o maior telescópio do mundo! Adeus, pezinhos! (porque, ao olhar para baixo, eles pareciam ter sumido de tão longe que estavam).

“Pobres pezinhos, não sei quem calçará os seus sapatos e meias, queridos. Pois tenho certeza que não serei *eu*! Estarei longe demais para me ocupar com vocês: deverão se cuidar da melhor forma que puderem, mas devo ser educada com eles”, pensou Alice, “senão, quem sabe, não me levarão para onde quero ir! Deixe-me ver: darei a eles um novo par de botas todo Natal”. E continuou a planejar como deveria fazer isso.

“Terei de enviá-las pelo correio”, ela pensou. “Será muito engraçado mandar presentes para os meus próprios pés! E o endereço será muito esquisito!”

*Ao Sr. Pé Direito da Alice,
Tapete da Lareira,
Perto do Guarda-fogo
(Com amor, Alice)*

— Minha nossa, quanta bobagem estou dizendo!

Nessa hora, bateu a cabeça no teto do corredor: de fato, estava com quase três metros de altura. Pegou imediatamente a chavinha dourada, e correu até a porta do jardim.

Pobre Alice! O máximo que conseguiu fazer foi se deitar de lado para espiar o jardim com apenas um olho, mas para passar para o outro lado seria mais difícil ainda: sentou-se e começou a chorar de novo.

— Deveria se envergonhar — disse Alice, — uma menina tão grande como você (ela bem que podia dizer isso) chorando desse jeito! Pare imediatamente neste segundo!

Mas continuou a chorar, derramando litros e litros de lágrimas, até se formar um enorme mar à sua volta com quase dez centímetros de profundidade, inundando a metade do corredor.

Depois de um tempo, ouviu passinhos vindo ao longe, e rapidamente enxugou os olhos para ver quem se aproximava. Era o Coelho Branco que voltara elegantemente trajado, com um parzinho de luvas brancas numa das mãos e um imenso leque na outra: saltitava apressado, murmurando para si mesmo:

— Oh! A Duquesa, a Duquesa! Oh! *Como* ela ficará furiosa, se precisar me esperar!

Alice sentia desesperada a ponto de pedir ajuda a qualquer um, então, quando o Coelho chegou perto, começou a falar baixinho, de modo tímido:

— Por favor, Senhor...

O Coelho parou de súbito, deixou cair as luvinhas brancas e o leque, e sumiu na escuridão o mais rápido que pôde.

Alice pegou as luvas e o leque e, como fazia muito calor, começou a se abanar o tempo todo, enquanto falava:

— Minha nossa! Como tudo está estranho hoje! E ontem as coisas estavam tão normais. Será que fui trocada à noite? Deixe-me pensar: eu *era* a mesma quando acordei pela manhã? Acho que eu lembro que me senti um pouco diferente. Mas, se não sou a mesma, a pergunta seguinte é: quem sou eu? Ah, esse é o grande mistério!

E começou a lembrar de todas as crianças que tinham a mesma idade que ela, para verificar se teria sido trocada por uma delas.

— Tenho certeza que eu não sou Ada — disse Alice, — pois ela tem cachos longos e meu cabelo não é cacheado; e tenho certeza que eu não

sou Mabel, porque sei muitas coisas. E ela? Oh, ela sabe muito pouco! Além disso, *ela* é ela, *eu* sou eu, e... Minha nossa, como tudo isso é confuso! Vou testar se ainda sei tudo o que eu sabia. Deixe-me ver: quatro vezes cinco são doze, quatro vezes seis são treze, e quatro vezes sete são... Oh, céus! Nunca chegarei a vinte nesse ritmo! Porém, a Tabuada não tem importância: vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... Não, *está* tudo errado, eu tenho certeza! Devo ter sido trocada pela Mabel! Vou tentar recitar “Como pode a diligente abelhinha” — e juntou as mãos no colo, como se fosse repetir uma lição decorada, e começou a recitar, mas a sua voz parecia rouca e esquisita, e as palavras não saíam do mesmo modo que antes:

*Como pode o pequeno crocodilo
Fazer sua cauda brilhar,
Derramando as águas do Nilo
Para cada escama dourar!*

*Como parece sorrir feliz,
E estender suas garras,
Engolindo os peixinhos
Com sua imensa bocarra!**

— Tenho certeza de que estas não são as palavras certas! — exclamou a pobre Alice.

Seus olhos se encheram de lágrimas de novo e ela continuou:

— Afinal, devo ser Mabel, e terei de morar naquela casinha apertada, quase sem nenhum brinquedo para brincar e... Ah! E muitas lições para estudar! Não, eu já decidi: se sou Mabel, continuarei aqui embaixo! De nada adiantará virem me dizer: “Suba de novo, querida!” Olharei para cima e perguntarei: “Quem sou eu, afinal? Digam-me isso primeiro e, depois, se gostar de ser essa pessoa, eu subirei: senão, ficarei aqui embaixo, até me tornar outra pessoa”.

* Paródia do poema “Against Idleness and Mischief”, de Isaac Watts (1674-1748), teólogo inglês, do seu livro *Divine Songs for Children*, de 1715, que começa “Como pode a diligente abelhinha” (“How doth the little busy bee”).

— Mas, puxa vida! — exclamou Alice, num novo ataque de choro. — Realmente, *gostaria* que olhassem aqui para baixo! Estou *tão* cansada de ficar sozinha!

Ao dizer isso, olhou as suas mãos e se surpreendeu por ter calçado uma das luvinhas brancas do Coelho, enquanto falava. “*Como* eu fiz isso?”, ela pensou. “Devo ter encolhido de novo”. Levantou-se e foi até a mesinha para medir sua altura, e descobriu que, pelo que podia ver, estava agora com sessenta centímetros de altura, e continuava diminuindo rapidamente: logo viu que isso fora causado pelo leque enquanto ela se abanava, por isso largou-o imediatamente para evitar que sumisse.

— Essa foi por pouco! — exclamou Alice, bem assustada com a súbita mudança, mas muito feliz ao constatar que continuava ali. — E agora vamos ao jardim!

Ela correu a toda até a portinha, mas, que pena! Estava de novo trancada e a chavinha dourada sobre a mesa de vidro outra vez. “E tudo está pior do que antes”, pensou a pobre criança, “porque nunca estive tão pequena quanto agora, nunca! E digo que isso é péssimo, ah, se é!”.

Ao dizer essas palavras, Alice escorregou e, no instante seguinte, *splash!*, estava com água salgada até o queixo. A primeira impressão foi de que havia caído no mar.

“E, nesse caso, posso retornar de trem”, disse Alice para si mesma. (Alice esteve certa vez na costa e chegara à conclusão de que, a qualquer lugar que se vá ao longo do litoral inglês, haverá um sem número de cabines de praia, crianças cavando a areia com pás de madeira, depois uma fieira de albergues e, atrás deles, uma estação de trem.) No entanto, logo percebeu que havia caído no mar de lágrimas que chorara quando estava com quase três metros de altura.

— Gostaria de não ter chorado tanto! — disse Alice, nadando para sair dali. — Serei castigada por isso agora, eu acho, afogando-me em minhas próprias lágrimas! Isso *será* muito estranho, com certeza! Porém, tudo está estranho hoje!

Nesse momento, ouviu algo se debater na água, um pouco mais longe, e se aproximou para ver o que era: primeiro, pensou que fosse uma morsa ou um hipopótamo, mas lembrou-se que agora estava pequena, e logo percebeu ser apenas um rato que havia caído na água como ela.

“Será que adiantaria”, pensou Alice, “falar com esse rato? É tudo tão diferente aqui embaixo, que imagino que ele saiba falar: de qualquer forma, não custa nada tentar”.

Então, ela começou:

— Seu Rato, sabe sair deste mar? Estou cansada de nadar, seu Rato! (Alice achou que essa seria a forma correta de falar com o rato: nunca fizera isso antes, mas lembrou-se de ter visto no livro de gramática de latim do irmão: “Um rato, de um rato, para um rato, um rato, seu rato!”) O Rato olhou-a de modo inquisitivo, e pareceu piscar um dos olhinhos, mas não disse nada.

“Talvez não saiba falar a minha língua”, pensou Alice. “Acredito que seja um rato francês que chegou aqui com Guilherme, o Conquistador”. (Porque, com todo o seu conhecimento de História, Alice não tinha muita noção de quando as coisas haviam acontecido.)

Assim, recomeçou: “*Où est ma chatte?*”, a primeira frase de seu livro de francês. O Rato saltou fora d’água e pareceu tremer de medo.

— Ah, me perdoe! — exclamou Alice, imediatamente, temendo haver ofendido o pobre bichinho. — Esqueci que não gosta de gatos.

— Não gosto de gatos! — exclamou o Rato, em tom estridente e raivoso. — *Você* gostaria de gatos, se fosse eu?

— Bem, talvez não — respondeu Alice, querendo tranquilizá-lo. — Não se aborreça por isso. Mesmo assim, queria que conhecesse a nossa gata Diná: acho que poderia gostar de gatos, se a visse. Ela é uma gata tão amorosa e calma.

Alice continuou, como se falasse consigo mesma, enquanto nadava lentamente pelo mar de lágrimas:

— Diná fica deitada ronronando ao lado da lareira, lambendo as patas e limpando o focinho. É tão fácil cuidar dela, e ela é a melhor caçadora de ratos... Ah, mil desculpas! — exclamou Alice de novo, pois desta vez o Rato se arrepiou todo e ela percebeu que ele se ofendera. — Não falaremos mais sobre ela, se preferir.

— De fato! — exclamou o Rato, tremelizando até a ponta da cauda. — Como se eu pudesse gostar desse assunto! Nossa família sempre *odiou* gatos: criaturas nojentas, vis e vulgares! Nunca mais repita essa palavra!

— De jeito nenhum! — respondeu Alice, mudando rapidamente o rumo da conversa. — Você... Você gosta... de... de cachorros?

O Rato não respondeu, e Alice continuou falando, animada:

— Há um cãozinho tão bonitinho que mora perto de casa que eu queria que conhecesse! Um pequeno *terrier* de olhos brilhantes e longos pelos castanhos ondulados! Ele busca tudo o que atiramos para ele, senta-se para pedir comida e faz tantas outras coisas... Não consigo lembrar nem da metade do que ele sabe fazer. Seu dono é um fazendeiro, sabe, e diz que ele é muito útil, e que vale cem libras! Diz que mata todos os ratos e... Oh, céus! — exclamou Alice em tom triste. — Acho que eu o ofendi de novo!

O Rato começou a se afastar rápido, fazendo o maior estardalhaço, enquanto nadava. Alice chamou-o com delicadeza:

— Rato querido! Volte e não falaremos mais sobre cães e gatos, se não gosta deles!

Ao ouvir isso, o Rato se virou e nadou devagar de volta até ela: estava pálido (de susto, Alice pensou), e respondeu com voz baixa e trêmula:

— Vamos até aquela margem, e lhe contarei a minha história, então compreenderá por que odeio tanto cães e gatos.

Chegara a hora de partir, pois o mar estava lotado de pássaros e outros animais que haviam caído dentro d'água: um Pato e um Pássaro Dodô, um Papagaio, um Filhote de Águia e várias outras criaturas curiosas. Alice abriu o caminho e o grupo nadou até a margem.